

ISSN – 0553-8467

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA, Nº 58

ANO 2002

CASAS SUBTERRÂNEAS NAS TERRAS ALTAS DO SUL DO BRASIL

PEDRO IGNÁCIO SCHMITZ
Editor

Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS
São Leopoldo – Rua Brasil, 725 – Rio Grande do Sul - Brasil

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS – UNISINOS

Rua Brasil, 725 – 93010-030 São Leopoldo, RS – BRASIL

Caixa Postal 275

E-mail: anchieta@helios.unisinos.br

Diretor: Pedro Ignácio Schmitz

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Diretor: Pedro Ignácio Schmitz, S.J.

Comissão Editorial

Artur Rabuske, S.J. – Coordenador de História

Josef Hauser, S.J. – Coordenador para Zoologia

Josafá Carlos de Siqueira, S.J. – Coordenador para Botânica

Pedro Ignácio Schmitz, S.J. – Coordenador de Antropologia

Conselho Editorial

Rafael Carbonell De Masi, S.J.

Beatriz Vasconcelos Franzen

Maria Gabriela Martin Avila

Ana Luisa Vietti Bitencourt

Bartomeu Melià

Albano Backes

Paulo Günter Windisch

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos trabalhos assinados.

A publicação de colaborações espontâneas depende da Comissão Editorial.

Pesquisas aparece em 3 secções independentes: Antropologia, História, Botânica.

PESQUISAS publishes original scientific contributions in current western languages.

The autor is responsible for his (her) undersigned contribution.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactional staff.

Pesquisas is divided into 3 independent series: Anthropology, History, Botany.

Pesquisas / Instituto Anchietano de Pesquisas. – (2002). São Leopoldo: Unisinos, 2002.

175p. (Antropologia; n. 58)

ISSN: 0553-8467

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Pesquisas, Antropologia está indexada em *Ulrich's International Periodicals Directory* e CLASE, entre outras indexadoras.

ESTUDO DAS “CASAS SUBTERRÂNEAS” E FEIÇÕES DOLINIFORMES NO ALTO PARANAPANEMA (SP)

Luciane Miwa Kamase¹

Introdução

As “casas subterrâneas” são pouco (ou quase nada) conhecidas e estudadas no Estado de São Paulo, ao contrário do que acontece nos estados da região Sul, principalmente no Rio Grande do Sul. De acordo com Schmitz (2002:24), “estão situadas em altitudes superiores a 400m, em terrenos originalmente cobertos por matas de pinheiros-do-paraná (*Araucaria angustifolia*) e aparecem no terreno como depressões circulares, com diâmetro variando de menos de 5m a mais de 20m. Em algumas a depressão mal pode ser notada, enquanto outras formam buracos de até 6m de profundidade. Às vezes estão isoladas, mas é mais comum formarem agrupamentos, alguns com 80 unidades. Associados a elas são encontrados pequenos amontoados de terra ou montículos largos, com diâmetro de até 20m (...)”.

Em São Paulo, além de serem quase desconhecidas acredita-se que algumas sejam formações naturais que tenham sido confundidas com as “casas subterrâneas”.

Este trabalho visa compreender o processo de formação das “casas subterrâneas” utilizando métodos geoarqueológicos como a análise de microartefatos e análises geoquímicas, numa perspectiva de poder diferenciar as depressões antrópicas (“casas subterrâneas”) das naturais (feições doliniformes).

Área de estudo

A área estudada localiza-se entre as coordenadas geográficas 23°55' e 24°30' de latitude sul e 48°45' e 49°15' de longitude oeste, na porção sudeste do Estado de São Paulo divisa com Paraná, compreendendo a bacia do Alto Taquari, sub-bacia do Alto Paranapanema (Figura 1).

1 – Museu de Arqueologia e Etnologia / USP. Mestranda, bolsista pela FAPESP.

De acordo com a Carta Geomorfológica do Estado de São Paulo (IPT 1981), a área de estudo está no contato de duas províncias geomorfológicas: a do Planalto Atlântico e a da Depressão Periférica.

A primeira, representada pela Zona de Guapiara, é constituída por rochas do Pré-Cambriano (gnaisses, xistos, quartzitos, anfibolitos, filitos, calcários), as quais condicionam diferentes formas de relevo, tais como morros paralelos, morros de topos achatados, serras alongadas e escarpas festonadas.

A Zona do Paranapanema, pertencente à província da Depressão Periférica, apresenta relevos de colinas paralelas e morros alongados, associados ao embasamento rochoso (arenitos, conglomerados, siltitos e argilitos) da Formação Furnas.

Possui altitudes entre 600 e 1200m, o clima apresenta invernos rigorosos com ocorrência de geadas.

A vegetação original é restrita às matas ciliares e galerias que acompanham os rios e córregos, algumas áreas de cerrado associado à vegetação rasteira e arbustiva em locais onde o solo é arenoso e laterizado, e resquícios de campos naturais, nos quais nota-se a presença da araucária. O restante é ocupado por reflorestamento com espécies exóticas (eucaliptos e *pinus*), atividades agro-pastoris e culturas anuais (feijão, milho, mandioca).

Histórico das Pesquisas na Área de Estudo

Andre Prous (Prous, 1979) foi o primeiro a notificar a existência desse tipo de evidência para o Estado de São Paulo. Durante o ano de 1975, ele identificou 4 sítios arqueológicos num total de 8 casas subterrâneas, as quais possuem medidas entre 3 e 9m de diâmetro e entre 1 e 1,80m de profundidade. A estes sítios, estão associados fragmentos cerâmicos finos (entre 3 e 8mm de espessura), sem decoração e alguns líticos polidos.

No final da década de 1990, Paulo De Blasis (De Blasis, 2000) localizou 4 casas subterrâneas em Itapeva, durante o trabalho de resgate arqueológico para o Gasoduto Brasil-Bolívia (GASBOL), essas casas possuem entre 17 e 40m de diâmetro e de 2 a 15m de profundidade. Não houve intervenção e também não há material em superfície.

Por fim, Astolfo Araujo (Araujo, 1995, 2001), durante as pesquisas realizadas para seu mestrado e doutorado, identificou 4 casas subterrâneas com medidas em torno de 7m de diâmetro e 1,50m de profundidade. Sendo que em duas delas (PR2 e FRC) foram encontrados fragmentos de lítico lascado e nas duas restantes (CSU, CS2) foram localizados fragmentos cerâmicos. Além disso, identificou 27 depressões, denominadas de feições doliniformes, com medidas que variam de 5 a 48m de diâmetro e com profundidades entre 0,50 a 15m.

O trabalho atual surgiu a partir das discussões com Astolfo Araujo sobre a possibilidade de que algumas dessas casas subterrâneas tenham se originado a partir de depressões naturais.

Objetivos e Hipóteses

Os objetivos do trabalho consistem em procurar compreender o processo de formação das “casas subterrâneas” no território paulista, utilizando-se de métodos geoarqueológicos como a análise de microartefatos arqueológicos e geoquímicos, bem como estudar uma forma para tentar diferenciar as depressões de origem antrópica (“casas subterrâneas”) das de origem natural (feições doliniformes).

Trabalha-se com a hipótese da existência de três tipos de depressão: naturais, antrópicas e antropizadas. Sendo as primeiras relacionadas a dolinas, que são depressões provocadas por processos físicos (desabamento) ou químicos (dissolução pela água) e são muito comuns em terrenos cársticos mas que não são exclusivos deste, podendo surgir feições semelhantes em outro tipo de rocha, como em arenitos, granitos, basaltos e outras litologias. As feições antrópicas seriam as depressões construídas e utilizadas pelo homem, conhecidas como “casas subterrâneas”. Já as antropizadas referem-se às feições naturais retificadas e utilizadas pelo homem, principalmente pela ausência do amontoado de terra que deveria estar presente próximo a elas.

Carste, Pseudo-carste e Dolina

Faz-se necessário definir alguns termos como carste, pseudo-carste e dolinas para compreender o significado de *feição doliniforme*.

O relevo cárstico constitui aproximadamente 10% do globo terrestre. Sua morfologia sempre exerceu uma atração no homem desde os primórdios até os dias atuais, tomando o carste uma espécie de região-chave para estudos de paleontologia, de mudanças climáticas e de arqueologia (Prous, 1992; Kohler, 1995).

Entende-se por carste, terrenos com relevos distintos e drenagem resultante de grande solubilidade da rocha pela água, rochas que não precisam ser necessariamente carbonáticas (Jennings, 1987; Kohler, 1995), estendendo-se hoje a outras rochas menos solúveis como dolomitos, evaporitos, e outros.

Juntamente com a noção de carste aparece a do pseudo-carste, que segundo Jennings (1987) refere-se a áreas onde ocorrem feições semelhantes ao carste, porém devido a outros processos como a eluviação mecânica, abrasão marinha, etc., sendo que nestes locais, a dissolução (corrosão química) possui uma função subordinada aos outros processos. Na classificação de pseudo-carste, podem ser incluídas as formas presentes em granitóides (granitos, gnaisses), basaltos e outras rochas vulcânicas, rochas intempéricas (bauxita, lateritas, cangas), rochas metamórficas como o xisto, quartzito e mármore (Karman et al., 2001), entre outras litologias.

Existem determinados fatores para a formação do carste, tais como a composição mineralógica da rocha solúvel, estrutura (acamamento, fraturamento, etc), espessura, localização topográfica, clima atuante, vegetação e solos. A variação nestes componentes, na escala têmporo-espacial, modifica a intensidade

ou mesmo a forma de atuação dos processos morfogenéticos existentes, acarretando a criação de algumas tipologias cársticas, como as dolinas.

A definição mais usual para dolina é de que são cavidades cársticas fechadas de formato circular ou oval (em planta), com uma drenagem subterrânea e possuindo geralmente o diâmetro maior (pode apresentar desde alguns m a aproximadamente 2000 m) que sua profundidade (podem atingir até 100 metros) originando formatos muito diversos (Figura 2), assim como bacias, funis, baldes entre outros (Bögli, 1980; Jennings, 1985; Ford&Willians, 1996).

Segundo Kohler (1995), "quando existe uma coalescência entre duas ou mais dolinas, forma-se uma uvala", as quais são definidas como depressões em forma de uma flor ou de forma dupla com fundo irregular, apresentando um ou múltiplos sumidouros.

Existe uma classificação que diferencia a formação genética das dolinas, de acordo com Bögli (1980), Jennings (1985), Kohler (1995) e Ford&Willians (1996), as mais frequentes são formadas por: dissolução, subsidência e colapso.

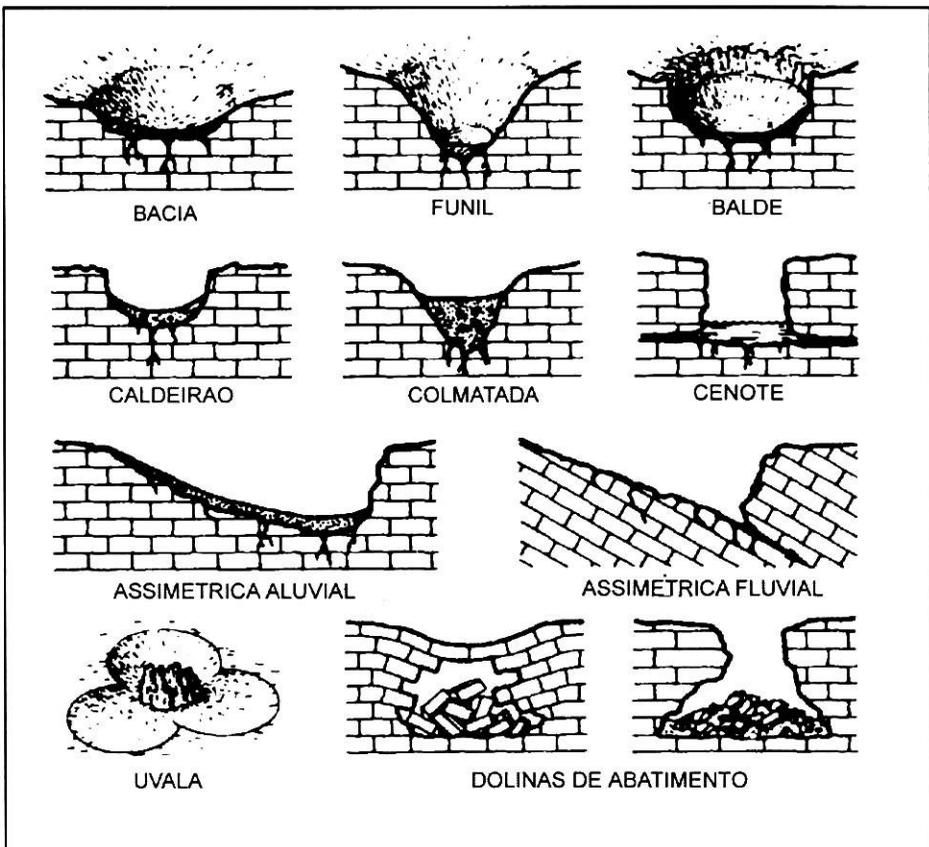


Figura 02: alguns tipos de formato de dolinas (Kohler 1995).

Feições Doliniformes

Como já foi visto, as dolinas são depressões fechadas com formas circulares ou elípticas, que ocorrem geralmente em áreas cársticas.

Já na área escolhida, que não é cárstica, aparecem feições semelhantes que precisam ser estudadas, pois acredita-se que possam ter sido construídas pelo homem assim como possam ter sua origem natural. Por enquanto, preferiu-se utilizar o termo feição doliniforme para designar essas depressões.

De acordo com Araújo (2001), podemos denominar feição doliniforme as "depressões no solo em forma de calota e esfera".

As depressões do Alto Taquari apresentam-se em diversos tamanhos, desde 3,5m a 50m de diâmetro, em formatos circular e elíptico e em geral, aparecem de forma isolada, ocorrendo poucos agrupamentos.

Desenvolvimento da Pesquisa

Atualmente, a pesquisa conta com 46 feições identificadas, sendo que destas, 16 estão cadastradas como "casas subterrâneas". Estão sendo feitos levantamentos topográficos (Figura 3) de detalhe de cada uma das feições, até o momento tem-se 20 depressões com medidas topográficas.

Optou-se por escavar uma depressão com a finalidade de conhecer a composição das camadas estratigráficas assim como observar qualquer aspecto construtivo no caso dela ser antrópica. A feição doliniforme escolhida foi a de número 24, possui 9m de diâmetro e 1,5m de profundidade (medido desde o ponto mais alto). Está localizada em uma média vertente suave, distando 300m do rio Taquari-Guaçu. Apesar de não haver vestígios arqueológicos em superfície, um dos motivos para a sua escolha foi a presença de amontoados de terra em seu entorno, principalmente na parte mais suave da depressão. Além disso, na borda externa superior e mais inclinada, haviam sido notados sinais de uma espécie de canaleta, o que poderia ser algum tipo de escoadouro para que a água não entrasse diretamente na feição.

Ao final da escavação não foi encontrado nenhum vestígio arqueológico, muito menos sinais de construção e utilização daquela depressão. Completando o cenário, descobriu-se que os amontoados de terra são enormes formigueiros (saúvas) inativos e que as possíveis canaletas são antigos caminhos do gado.

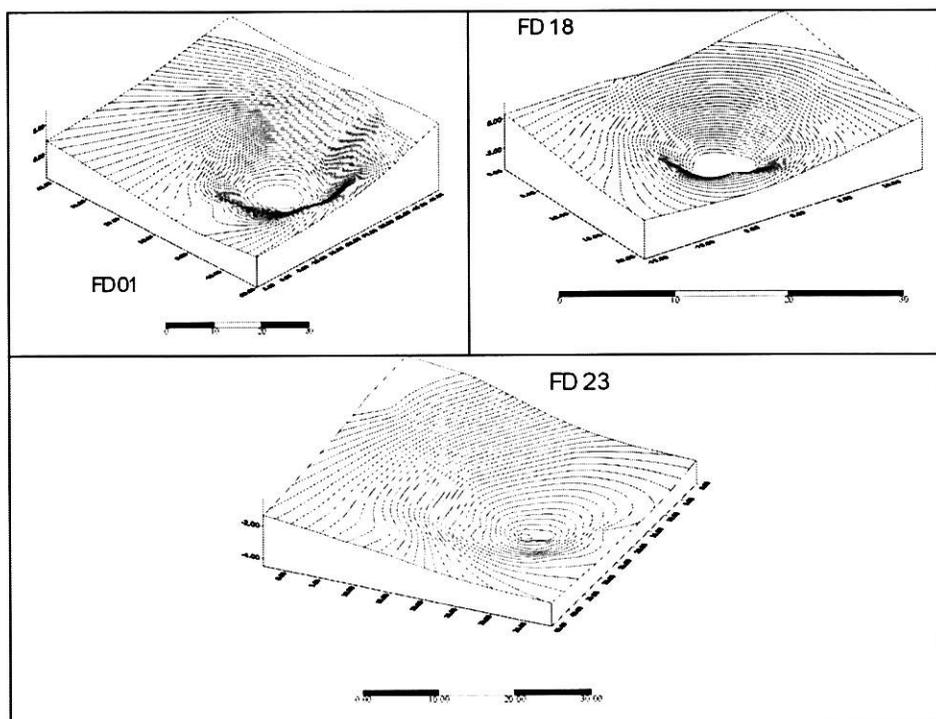


Figura 03: resultados preliminares de alguns mapeamentos topográficos de detalhe. A escala vertical está exagerada possibilitando uma melhor visualização das feições. Os mapas estão sendo gerados utilizando-se o software Surfer da Golden Software.

A realização da escavação de uma feição doliniforme, serviu para aplicar e refletir sobre metodologias para uma intervenção em uma possível “casa subterrânea”.

A intervenção em uma feição com formato semelhante às “casas subterrâneas”, porém sem vestígios arqueológicos em superfície, possibilitou verificar que, neste caso, não foram encontrados macro-vestígios, mas que podem ser encontrados microartefatos arqueológicos, e com essa finalidade foram efetuadas coletas de sedimento.

Ao tomar conhecimento de uma depressão natural que surgiu a partir de um colapso de blocos de quartzito nas proximidades (cerca de 2km) aumentou-se a expectativa pela hipótese de cavidades naturais que tenham sido reaproveitadas pelos habitantes passados dessa região.

Na mais recente etapa de campo realizada, em Bom Sucesso de Itararé, encontrou-se, entre tantas feições doliniformes, uma com abundância de material arqueológico. Trata-se de uma feição (CSU) cadastrada por Araujo (1995), está

localizada nas proximidades das casas localizadas por Prous (1979), está situada em alta vertente voltada para noroeste, a uma altitude de 850m, possui 8m de diâmetro e 1,50m de profundidade.

A depressão encontra-se isolada em meio a um campo de pastagem, possibilitando uma ampla vista da paisagem pois não restam mais árvores da mata original, no entanto a visibilidade da superfície do terreno é dificultada pela vegetação rasteira.

Foram realizadas tradagens com equidistância de 2m entre elas atravessando a depressão em duas linhas, uma no sentido norte-sul e outra leste-oeste, além disso foi aberta uma sondagem de 1x1m no interior da "casa". Nas tradagens, o material cerâmico apareceu a uma profundidade entre 25 e 30cm na parte externa, abrangendo um raio de 6m em torno da depressão e a partir de 10cm no centro dela, onde foi feita a sondagem.

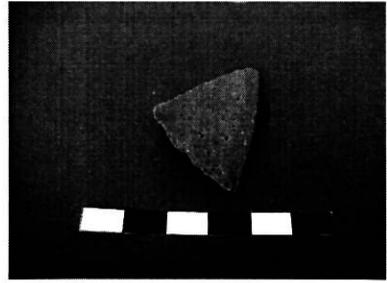
A cerâmica encontrada na parte externa, está muito fragmentada devido à intensa ação do arado, assim como os pedaços encontrados nos primeiros 50cm da sondagem. A partir de 60cm até 130cm, a cerâmica encontra-se mais preservada, contendo grandes fragmentos, inclusive bordas como as mostradas na figura 4. Trata-se de uma cerâmica sem decoração, de coloração marrom e de espessura entre 2 e 8mm aproximadamente.

A estratigrafia observada no perfil da sondagem mostrou que existem pelo menos 4 camadas diferenciadas, todas com a presença constante de fragmentos cerâmicos. Basicamente, a primeira camada, com espessura de 20cm em média, é constituída de material coluvial, com presença de pequenos (inferiores a 1cm) fragmentos de cerâmica. A segunda camada possui 30cm de espessura, contém muito carvão, nó-de-pinho queimado, pequenos fragmentos de cerâmica, além de resíduos de metal e plástico. A terceira camada possui aproximadamente 30cm de espessura, apresenta fragmentos maiores de cerâmica que as camadas anteriores, vestígios de carvão. A última camada, apresenta concentração de grandes fragmentos cerâmicos, argila queimada e fragmentos de calcário.

Registrou-se 616 fragmentos de cerâmica, sendo 10 fragmentos encontrados na parte externa e o restante proveniente da sondagem no interior da depressão. Montou-se um quadro (Figura 5) para verificar a quantidade de material por nível artificial de 10cm. Pode-se observar que a concentração aparece entre 90 a 110cm de profundidade. Quanto ao lítico, foram encontrados pequenos fragmentos de lascas de sílex e quartzo e um fragmento de lâmina de machado, totalizando 10 peças. Como o material ainda está sendo processado e analisado, não se tem os dados finais.



A



B



C

Figura 04: bordas cerâmicas encontradas na parte interna da depressão CSU, provenientes de uma sondagem, sendo o primeiro (A) encontrado a 65cm, o segundo (B) a 93cm e o terceiro (C) a 113cm de profundidade.

Um dos aspectos que chamam a atenção para esta depressão é que ela está em uma área com predominância calcária, observou-se inclusive uma depressão natural em formação a 70m de distância da que apresenta material. Há outras 13 depressões, que se encontram agrupadas, num raio de 2km mas que não apresentaram material nem em superfície nem em profundidade. Esta, apresenta-se isolada.

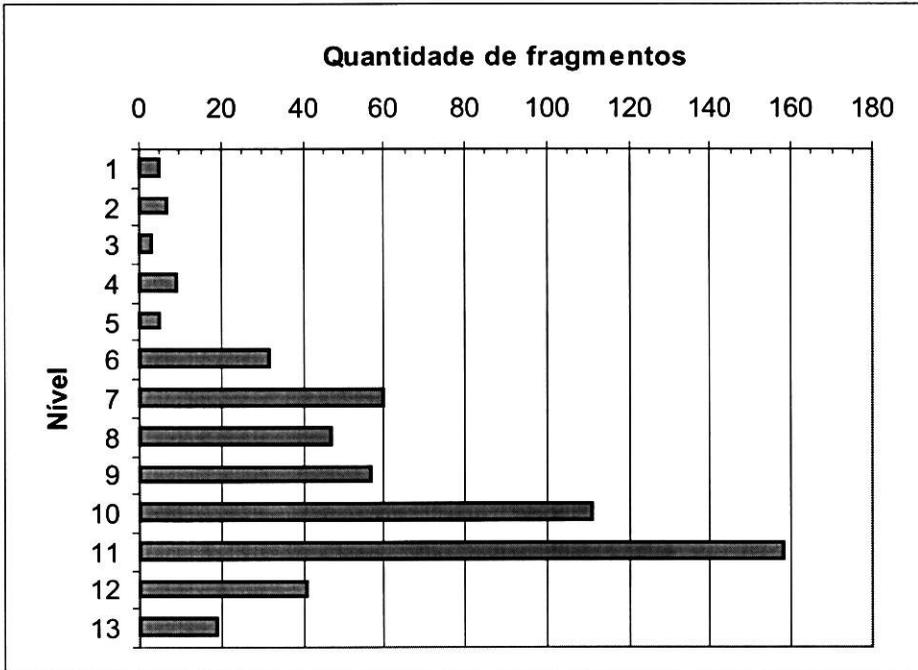


Figura 05: feição CSU (Bom Sucesso/SP) - Gráfico mostrando a quantidade de fragmentos cerâmicos retirados de uma sondagem, em níveis artificiais de 10cm.

Perspectivas

Ao acompanhar as apresentações dos outros pesquisadores presentes no Colóquio percebeu-se que as “casas subterrâneas” de São Paulo ainda precisam ser descobertas para então poder se discutir questões relativas às concentrações de material na parte externa ou interna da “casa”, bem como a própria questão da função. Ainda faltam elementos para se fazerem tais discussões, pois a principal preocupação reside em poder diferenciar as feições naturais das antrópicas.

Nesse sentido, alguns problemas apresentados pelos colegas que trabalham em Santa Catarina relativos à problemática para saber se eram ou não arqueológicas devem contribuir bastante nesta pesquisa. Da mesma forma, são bem aceitas as sugestões dadas por Saul Milder para reunir um elenco de atributos (presença de material, presença de amontoados de terra, etc) presentes na maioria dos sítios pesquisados no Rio Grande do Sul, para servir como uma espécie de guia para orientar essa diferenciação.

Faz-se necessária uma intervenção sistemática na última feição encontrada, pois apenas com uma sondagem não é possível obter muita informação a res-

peito do sítio, principalmente no que diz respeito ao seu aspecto formativo. É preciso efetuar uma escavação que possa abranger no mínimo 50% da depressão.

Agradecimentos: à FAPESP, que através da bolsa de mestrado tem proporcionado o desenvolvimento deste trabalho. À Prof^a. Dr^a. Marisa Coutinho Afonso, orientadora deste trabalho. Ao Prof. Dr. Saul Eduardo Seiguer Milder, coordenador e organizador do evento, pela oportunidade dada para apresentar as "casas subterrâneas" paulistas. Ao Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz, coordenador do Pesquisas, pelo convite para publicar. Ao Jairo Rogge e Sandra Nami Amemorri pelas leituras e comentários.

Referências Bibliográficas

AFONSO, M.C. 1997. Levantamento do Patrimônio Arqueológico na Área da Duplicação da Rodovia Régis Bittencourt (BR-116) no Estado de São Paulo. Relatório Final. Museu de Arqueologia e Etnologia. FFLCH / USP.

ARAÚJO, A G de M. 1995. *Levantamento Arqueológico da área Alto Taquari, Estado de São Paulo, com ênfase na Abordagem dos Sítios Líticos*. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia. FFLCH / USP.

_____, 2001. *Teoria e Método em Arqueologia Regional: Um Estudo de caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo*. Tese de Doutorado. FFLCH / USP.

BÖGLI, A. 1980. *Karst Hydrology and Physical Speleology*. Translated by June C. Schmid. Springer-Verlag. New York

DE BLASIS, P A D. 2000. Resgate Arqueológico no Traçado do Gasoduto Bolívia-Brasil (GASBOL) no Estado de São Paulo: Trechos IX e X (de Paulínea à Fronteira com o Paraná). Relatório Final. Museu de Arqueologia e Etnologia. FFLCH / USP.

FORD, D.; WILLIAMS, P. 1996. *Karst Geomorphology and Hydrology*. University Press Cambridge.

JENNINGS, J.N. 1985. *Karst Geomorphology*. Basil-Blackwell. Oxford.

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. 1981. *Mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo*, Volume I. São Paulo.

KARMANN, I.; SÁNCHEZ, L.E; FAIRCHILD, T.R. 2001. Caverna dos Ecos (Central Brazil): Genesis and Geomorphologic Context of a Cave Developed in Schist, Quartzite and Marble. *Journal of Cave and Karst Studies* 63(1):41-47. Huntsville.

KOHLER, H.C. 1995. Geomorfologia Cárstica. In Guerra, A. J. T.; Cunha, S. B. (organizadores): *Geomorfologia – Uma Atualização de Bases e Conceitos*. Capítulo 7:309-334. Ed. Bertand Brasil. Rio de Janeiro.

PROUS, A. 1979. Première information sur les maisons souterraines de l'Etat de São Paulo, Brésil. *Revista de Pré-História*. USP. São Paulo, SP.

_____, 1991. *Arqueologia Brasileira*. Editora da Universidade de Brasília. Brasília, DF.

_____, 1992. O Carste e a Arqueologia. *Anais do III Congresso da ABEQUA*. Págs.330-341. Belo Horizonte.

SCHMITZ, P.I. 2002. As "casas subterrâneas": fragmentos da história dos índios Kaingang. *Ciência Hoje*, 31 (181):22-29.

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai.** Pedro Ignácio Schmitz. Pesquisas 1, 1957, p.122-142. *Esgotado - xerox.*
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo.** José de Moura. Pesquisas 1, 1957, p.143-180, anexo p.293-295. *Esgotado - xerox.*
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul) -** Pedro Ignácio Schmitz. Pesquisas 2, 1958, p.113-143. *Esgotado - xerox.*
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina.** Pe. João Alfredo Rohr. Pesquisas 3, 1959, p.199-266. *Esgotada - xerox.*
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea.** Ignácio Schmitz. Pesquisas 3, 1959, p.267-324. *Esgotado - xerox.*
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbราซิลien -** Guilherme Tiburtius. Pesquisas, 1960, Antropologia nº 6, 60p.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de S. Catarina e Paraná -** Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. Pesquisas 1960, Antropologia nº 7, 51p., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II -** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1960, Antropologia nº 8, 32p., 5 fig. 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztlas.** J. Hasler Pesquisas 1960, Antropologia nº 9, 17p.
10. **Os Munkü, 2ª contribuição ao estudo da tribo Iranche.** José de Moura. Pesquisas 1960, Antropologia nº 10, 59p.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbราซิลien.** Guilherme Tiburtius. Pesquisas 1961, Antropologia nº 11, 28p., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, II.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1961, Antropologia nº 12, 18p., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense.** Igor Chmyz. Pesquisas 1962, Antropologia nº 13, 19p., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961).** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1962, Antropologia nº14, 27p., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina: I. Exploração sistemática do sítio de Praia de Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1966, Antropologia nº 15, 61p., 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz. e outros. Pesquisas 1967, Antropologia nº 16, 58p., 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1967, Antropologia nº 17, 24p., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata.** Pesquisas 1968, Antropologia nº 18, 190p., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas adjacentes.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1969, Antropologia nº 19, 30p., 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências.** Pesquisas 1969, Antropologia nº 20, 216p., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o Interior do Sul do Brasil.** Tom O. Miller, Jr. Pesquisas 1969, Antropologia nº 21, 48p., 18 fig. fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1969, Antropologia nº 22, 37p., 1 mapa, 2 fig., 2 pr. fora do texto.
23. **Arqueologia do Vale do Rio Pardinho (comparações com material proveniente do Alto Jacuí), 1ª parte.** Pedro Ignácio Schmitz e outros. Pesquisas 1970, Antropologia nº 23, 54p., 12 pranchas, 2 tábuas fora do texto.
24. **Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1971, Antropologia nº 24, 56p., 12 fig., 4 pr. fora do texto.
25. **Os Espíritos Maus dos Nanbikuara e Quinze Lendas dos Rikbaktsa.** Pe. Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1973, Antropologia nº25 48p.
26. **A morte e a outra vida dos Nanbikuara. Lendas dos Índios Nanbikuara.** Pe. Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1974, Antropologia nº 26, 54p.
27. **Lendas dos Índios Irânxe.** Pe. Adalberto H. Pereira. Pesquisas 1974, Antrop. nº 27, 84p.
28. **História dos Munkü (Irânxe).** Pe. Adalberto Holanda Pereira e Pe. José de Moura e Silva. Pesquisas 1976, Antropologia nº 28, 40p.
29. **O Índio Kaingáng no Rio Grande do Sul.** Ítala Irene Basile Becker. Pesquisas 1976, Antropologia nº 29, 264p.
30. **Sítios de Petroglifos nos Projetos Alto-Tocantins e Alto-Araguaia, Goiás.** Pedro Ignácio Schmitz, Sílvia Moehlecke, Altair Sales Barbosa. Pesquisas 1979, Antropologia nº 30, 73p.
31. **Estudos de arqueologia e pré-história brasileira em memória de Alfredo Teodoro Rusins.** Pedro Ignácio Schmitz (Ed.). Pesquisas 1980, Antropologia nº 31, 249p.
32. **Contribuciones a la prehistoria de Brasil.** Pedro Ignácio Schmitz. Pesquisas 1981, Antropologia nº 32, 243p.

33. **Arqueologia do Centro-Sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil.** Pedro Ignácio Schmitz, Irmhild Wüst, Sílvia Moehlecke Copé, Úrsula Madalena Elfriede Thies. Pesquisas 1982, Antropologia nº 33, 281p.
34. **Petroglifos do Estilo Pisadas no Centro do Rio Grande do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz, José Proenza Brochado. **Projeto Médio-Tocantins: Monte do Carmo, GO. Fase Ceramista Pindorama.** Altair Sales Barbosa, Pedro Ignácio Schmitz, Angélica Stobäus, Avelino Fernandes de Miranda. Pesquisas 1982, Antropologia nº 34, 93p.
35. **O Povoamento Tupiguarani no Baixo Ijuí, RS, Brasil.** Jussara Louzada Ferrari, Pesquisas 1983, Antropologia nº 35, 132p.
36. **O Pensamento Mítico dos Nambikwára.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1983, Antropologia nº 36, 144p.
37. **El Indio y la Colonización.** Ítala Irene Basile Becker. Pesquisas 1984, Antropologia nº 37, 288p.
38. **Prehistoria del N.E. Argentino, sus Vinculaciones con la República Oriental del Uruguay y sur de Brasil.** Maria Amanda Caggiano. Pesquisas 1984, Antropologia nº 38, 109p.
39. **O pensamento Mítico do Irânxe.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1985, Antropologia nº 39, 167p.
40. **Cranimetria Radiográfica em População Pré-Histórica Brasileira; Ecologia e Cultura Material; Estratégias Usadas no Estudo dos Caçadores do Sul do Brasil - Alguns Comentários; Fase Itapiranga: Sítios de Tradição Planáltica; O Material Lítico do Sítio RS-CA-14, Capão Grande, Camaquã, RS.** Pe. João Alfredo Rohr. e outros. Pesquisas 1985, Antropologia nº 40, 144p.
41. **O pensamento Mítico do Paresi - Primeira Parte.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1986, Antropologia, nº 41, 441p.
42. **O Pensamento Mítico do Paresi - Segunda Parte -** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1987, Antropologia, nº 42, 398p.
43. **Paleogenética dos Grupos Pré-Históricos do Litoral Sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina).** Walter Alves Neves. Pesquisas 1988, Antropologia nº 43, 178p.
44. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central. Serranópolis I.** Pedro Ignácio Schmitz, Altair S. Barbosa, André L. Jacobus e Maira B. Ribeiro. Pesquisas 1989, Antropologia nº 44, 208p.
45. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr. O Sítio Arqueológico da Praia da Tapera: Um Assentamento Itararé e Tupiguarani.** Sérgio Baptista de Silva, Pedro Ignácio Schmitz, Jairo Henrique Rogge, Marco Aurélio Nadal de Masi e André Luiz Jacobus. Pesquisas 1990, Antropologia nº 45, 210p.
46. **História da Arqueologia Brasileira.** Alfredo M. de Souza. Pesquisas 1991, Antropologia nº 46, 157p.
47. **Lideranças Indígenas no Começo das Reduções da Província do Paraguai.** Ítala Irene Basile Becker. Pesquisas 1992, Antropologia nº 47, 197p.
48. **Escavações Arqueológica do Pe. João Alfredo Rohr. O Sítio Arqueológico da Armação do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz, Marco Aurélio Nadal de Masi, Ivone Verardi, Rodrigo Lavina e André Luis Jacobus. Pesquisas 1993, Antropologia nº 48, 220p.
49. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr; O Sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma Aldeia de Tradição Ceramista Itararé.** Pedro Ignácio Schmitz, Ivone Verardi, Marco A. Nadal de Masi, Jairo H. Rogge e André L. Jacobus, Pesquisas 1993, Antropologia nº 49, 181p.
50. **O Pensamento Mítico do Rikbaksá.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1994, Antropologia nº 50, 336p.
51. **O Pensamento Mítico Kayabi.** Adalberto H. Pereira. Pesquisas 1995, Antropologia nº 51, 160p.
52. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central - Sudoeste da Bahia e Leste de Goiás: O Projeto Serra Geral** Pedro Ignácio Schmitz, Altair Sales Barbosa, Avelino Fernandes de Miranda, Maira Barberi Ribeiro e Mariza de Oliveira Barbosa. Pesquisas 1996, Antropologia nº 52, 198p.
53. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr: Laranjeiras I, Pântano do Sul e Cabeçadas.** Pedro Ignácio Schmitz, Ana Luiza Vietti Bitencourt e Ivone Verardi. Pesquisas 1996, Antropologia nº 53, 193p.
54. **Aterros Indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz, Jairo H. Rogge, André O. Rosa, Marcus V. Beber. Pesquisas 1998, Antropologia nº 54, 271p.
55. **Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina.** Pedro Ignácio Schmitz e outros. Pesquisas 1999, Antropologia nº 55, 164p.
56. **Lideranças Kaingang no Brasil Meridional (1808-1889).** Luis Fernando da Silva Laroque. Pesquisas 2000, Antropologia nº 56, 220p.
57. **Pescadores Coletores da Costal Sul do Brasil.** Marco Aurelio Nadal de Masi. Pesquisas 2001, Antropologia nº 57, 136p.